

MODULAÇÕES NO DISCURSO DE MICHEL TEMER SOBRE O PAPEL DA MULHER: UMA ANÁLISE CRÍTICA E PRAGMÁTICO-EMOTIVA

MODULATIONS IN MICHEL TEMER'S DISCOURSE: A CRITICAL AND PRAGMATIC-EMOTIVE ANALYSIS

Kaline Girão JAMISON¹

Letícia Adriana Teixeira dos SANTOS²

Resumo: este artigo visa identificar quais os moduladores estilístico-comunicativos, de excertos do discurso do atual Presidente da República, Michel Temer, realizado no Dia Internacional da Mulher de 2017, utilizados para regular a força ilocucionária e reduzir a responsabilidade perante seu enunciado e seu interlocutor. Ademais, visamos examinar como determinados recursos linguísticos atuam na representação da mulher. A abordagem teórica inclui as perspectivas da Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001), concepções de Atos de Fala (AUSTIN, 1990), de elaboração de faces (GOFFMAN, 1967), mas buscamos, principalmente, na Pragmática da Comunicação Emotiva (CAFFI; JANNEY, 1994, CAFFI, 2007) a base teórico-metodológica para essa pesquisa. Selecionamos alguns trechos do vídeo do pronunciamento, os quais foram transcritos e subdividido em seis excertos. Identificamos um discurso preconceituoso e machista que representa a mulher como única responsável pelas atividades domésticas. Em todos os trechos há elementos que representam a tentativa de imprimir atenuação, força argumentativa no seu dis-

1 Docente da UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. E-mail: kalinegirao@unilab.edu.br

2 Docente da Universidade do Ceará e da Estácio-UECE e Estácio. email: leticiadriana13@gmail.com

curso e preservar sua de face. Dispositivos comunicativo-emotivos com a função de marcar assertividade, clareza e confiança permearam os trechos analisados.

Palavras-chave: discurso; modulações; atenuação; Gênero; estereótipos.

Abstract: this article aims to identify what are the stylistic-communicative modulators, from excerpts of the current President of the Republic's speech, Michel Temer, on the International Women's Day of 2017, used to regulate the illocutionary force and reduce the responsibility to its statement and its interlocutor. In addition, we aim to examine how linguistic resources are updated in the representation of women. The theoretical approach includes the perspectives of Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001), the Concepts of Speech Acts (AUSTIN, 1962), Face-Work (GOFFMAN, 1967), but we mainly rely on the Pragmatic of Emotive Communication (JANNEY, 1994, CAFFI, 2007) as the theoretical-methodological basis for this research. We selected some parts of the video from the speech and transcribed and subdivided them into six excerpts. We identified a biased and male chauvinist discourse which claims that domestic chores are women's work. In all the excerpts there are elements that represent an attempt to imprint attenuation and argumentative force on his words and protect his face. Communicative-emotive devices with an assertive marking function, assertiveness and confidence permeated all the analyzed sections.

Keywords: discourse; modulations; mitigation; gender; stereotypes.

Quando os homens definem as situações como reais, são reais suas consequências.

William Isaac Thomas

Introdução

Esse artigo visa investigar quais os moduladores estilístico-comunicativos, de excertos do discurso do atual Presidente da República, Michel Temer, na ocasião da comemoração no Dia Internacional da Mulher de 2017, utilizados para regular a força ilocucionária do que está sendo dito e reduzir a responsabilidade perante seu enunciado e seu interlocutor. Ademais, visamos examinar como determinados recursos linguísticos atuam na representação da mulher, na construção de estereótipos femininos e na reafirmação de uma hegemonia discursiva. Assim, sob



a perspectiva de uma pragmática integrada, cuja ênfase é na abordagem tanto de aspectos sociais como psicológicos do discurso e intersubjetivas, nosso trabalho, além de buscar identificar a forma como a mulher é representada no discurso do presidente brasileiro, observa nos enunciados (enquanto produto) traços de atos enunciatórios (enquanto processos) de modulação e atenuação que se encarregam de produzir nuances e sombreamentos cognitivo-estilísticos.

Para alcançarmos nossos objetivos, recorreremos a uma abordagem teórica que inclui as perspectivas do Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001), ancorada nas concepções de Atos de Fala (AUSTIN, 1962), de elaboração de faces (GOFFMAN, 1967), mas buscando, principalmente, na Pragmática da Comunicação Emotiva (CAFFI; JANNEY, 1994, CAFFI, 2007) a base teórico-metodológica para realizar essa pesquisa.

Por defendermos que o contexto é uma peça fundamental para a produção e compreensão do discurso, dada sua função de promover esquemas mentais e categorias convencionais que permitem a construção de sentido de situações e práticas sociais (VAN DJIK, 2008), frisamos novamente que o trecho do discurso analisado foi proferido no dia 08 de março, que é referido como o Dia Internacional da Mulher. Essa data, segundo Blay (2001), surgiu no início do século XX a partir de movimentos operários de mulheres nos Estados Unidos e na Europa para reivindicar, dentre outras necessidades, o direito ao voto e as melhores condições salariais. Nesse contexto, ao ser criada essa data, o objetivo não consistia apenas em comemorar ou recordar as lutas e reivindicações das antepassadas, mas também de refletir acerca do papel da mulher na sociedade atual, na qual ainda se admite o preconceito e a desvalorização feminina, apesar dos avanços conquistados nos últimos quase duzentos anos.

Não obstante a importância e o significado dessa data para milhares de mulheres que lutaram e que ainda lutam para que seus direitos sejam assegurados, suas oportunidades sejam garantidas e suas liberdades respeitadas, esse processo ainda tropeça em um complexo sistema social de crenças e valores que provocam um entrave na aplicação de políticas e mudanças institucionais necessárias, dificultando o empoderamento das mulheres.

No contexto do sistema dominante de controle social vigente nas sociedades ocidentais, Foucault, (1997), lança mão da noção de biopoder para abordar a forma como mecanismos de controle são pulverizados em diferentes âmbitos da sociedade, operacionalizados em níveis de micropoder, e subjazem a variadas práticas e relacionamentos sociais. Além disso, Foucault (1997) salienta que a ordem política é mantida por meio da produção de corpos dóceis-passivos, subjugados e através de técnicas institucionalizadas, mas que também são internalizadas nos indivíduos por meio de ações reguladoras.





Nesse sentido, o estudo de Gilbert (2002) faz uma reflexão de como os estereótipos de gênero, que continuam a permear nossa sociedade, criam e fortalecem, cada vez mais, os discursos de pessoas em situação de poder e da população de modo geral, prejudicando a implementação de políticas sociais de proteção às mulheres contra a desigualdade de gênero e a violência.

Isso ocorre pois, segundo Foucault (1997), nós mesmos assumimos o papel de veículos de poder, visto que nossas práticas sociodiscursivas operam a favor da construção de uma “verdade” que serve apenas para ratificar determinadas posições sociais, e relações hegemônicas.

Por entendermos, portanto, a linguagem como espaço de luta hegemônica, decidimos lançar um olhar mais cuidadoso sobre o discurso de Michel Temer com vistas a identificar recursos linguísticos que estereotipam a imagem da mulher e outros que negociam uma co-construção de um discurso atenuado para que o enunciatário creia e aceite o que está sendo dito pelo locutor.

A performatividade e o papel do discurso na reprodução de preconceitos e de estereótipos

Com a teoria dos atos de fala de John Austin, publicada em 1962 na obra *How to do Things with Words*, um novo mecanismo de pensar a linguagem é instituído, pois a análise da estrutura da sentença como formas de representar o mundo abre espaço para a forma como a linguagem é usada pelos falantes para que sejam realizadas determinadas ações de acordo com condições específicas. Em outros termos, Austin passou a conceber a linguagem como uma forma de ação, como um meio de interferir no real, por meio de um enunciado performativo.

Dos três atos da fala propostos por Austin, destacamos o ilocucionário e perlocucionário como mais relevantes para nosso trabalho. Enquanto o primeiro diz respeito às ações que os falantes querem realizar com seus enunciados, os perlocucionários referem-se às consequências e efeitos que esses têm sobre as ações e crenças dos ouvintes. Força ilocucionária, contudo, não faz parte da referência mais imediata e semântica do ato ilocucionário, mas é construída a partir de uma dimensão suplementar da locução, ou seja, do contexto mais conteúdo (RECANTI, 2013). E com essa nova concepção de linguagem, sabemos hoje muito mais sobre os mecanismos linguísticos que subjazem não apenas em frases e formas gramaticais, mas que se encarregam de estruturar os processos cognitivos de formação de sentido e de reprodução de crenças e modelos culturais.



Além disso, estamos mais bem preparados para os efeitos do discurso na esfera pública, porque sabemos como os discursos são entendidos e como as pessoas formam modelos mentais e representações socialmente partilhadas sobre outras pessoas, inclusive preconceitos e ideologias (VAN DJIK, 2015: 35)

Nesse sentido, hoje também sabemos que independentemente da natureza do discurso, seja oral ou escrito, ele é ideológico. E quando se trata de discurso político, além do seu linguajar rebuscado e do tom firme e resoluto, esse não tem por objetivo apenas a adesão intelectual do público a suas ideias e propostas, mas também de invocar modelos mentais nos enunciatários de modo que criem uma predisposição à aceitação das crenças e pontos de vista (PERELMAN, 1997) de quem fala. Em outras palavras, segundo Martin (2014), o exercício de poder exige que o enunciador, pelo uso da palavra, compartilhe suas percepções e ganhe adeptos às “verdades” representadas meio de seu discurso.

Consoante à tradição filosófica marxista, o signo é, portanto, um elemento ideológico por excelência que serve sempre aos propósitos das lutas de classe. Por isso, cada vez que uma classe assume o poder, dá aos seus pensamentos e signos a forma de universalidade (Resende e Ramalho, 2006, p. 16). Essas formas de manifestação da ideologia são bastante relevantes para o nosso trabalho, já que pretendemos mostrar que o discurso hegemônico em relação às mulheres aponta para uma identidade destituída, quase sempre, de qualidades positivas, universalizando características negativas e naturalizando a fragilidade e mascarando um discurso preconceituoso e machista. Essa é a razão pela qual o discurso contra-hegemônico procura responder a esse discurso anterior, por meio da valorização dos atributos positivos dessas mulheres, em uma tentativa de reconstrução de identidade, de conscientização da sociedade e principalmente de se marcar socialmente.

Sobre a influência do poder e sua relação com práticas discursivas institucionalizadas, Foucault (1997) demonstra que mudanças em práticas discursivas indicam ou podem indicar mudanças sociais, concepção que se revela bastante presente nos escritos de Fairclough. A influência de Foucault na ADC, porém, não é perfeita, visto que Fairclough (2001) se ressentia da concepção assujeitada do sujeito do discurso expressa por Foucault. O filósofo percebe o homem constrangido pela estrutura social, mas não visualiza o caminho de retorno, a ação que o homem pode desempenhar para mudar a estrutura. Para ele, a mudança social é unilateral, de cima para baixo, ao passo que Fairclough a compreende como um caminho dialógico. Além disso, Foucault discute as ordens de discurso sem analisar a materialidade dos textos, o que, para Fairclough, é uma lacuna a ser preenchida com a sua teoria.

Nesse sentido, concebemos o discurso como uma prática social (CHOULIA-RAKI; FAIRCLOUGH, 1999) como um poderoso instrumento retórico. Para Van Dijk (2015: 33), “o discurso é a prática social que se destaca dentre as outras, sendo



quase que exclusivamente a prática das elites e das instituições simbólicas” e por meio do qual os preconceitos são expressos e reproduzidos na sociedade. Nesse sentido, o discurso mobiliza representações, evoca modelos mentais e reproduz ideias estereotipadas como forma de reforçar ou até de construir conceitos que lhe fortaleçam.

Contudo, para formarmos conceitos, recorremos a “pacotes de conhecimento inconsciente sobre objetos, situações, ações ou eventos guardados na memória”, os quais são “compartilhados por um grupo de pessoas e usados para dar sentido ao mundo e processar a linguagem” (MARCO, 1997 p. 248). Para Marco (1997), os estereótipos são um tipo de esquema ou categorias mentais socialmente construídas que nos ajudam a interpretar a realidade. Desse modo, por serem socialmente construídos, eles estão associados a ideologias específicas, que dizem respeito aos valores e crenças aceitos por um determinado grupo.

Por essa razão, Fairclough, citado por Marco (1997), adverte que o uso de determinados estereótipos, como “esposa”, “mãe”, ajudam a perpetuar certos papéis sociais, os quais podem ser tidos como “senso comum”.

Desse modo, a maneira pela qual todos nós, mas, principalmente, as pessoas em posição de poder falam sobre as mulheres impactam a forma como elas são vistas, tratadas e, ao final, recebidas por instituições que dispõem de mecanismos para ajudarem ou de piorarem a vida dessas mulheres.

Modulações no discurso: regulagens e atenuantes do dizer

Estilo consiste em um dos aspectos inerentes ao uso da linguagem (CAFFI, 2007), pois nossos enunciados passam por um processo de modalização, ou como caracteriza Caffi (2007), são estilisticamente “coloridos” de forma a melhor se encaixarem em determinados contextos e expressarem nuances emotivas comunicativas do enunciador.

A essas modulações do enunciado atribuímos a função de “regulagem sócio argumentativa”, cujos objetivos consistem em transportar determinada intencionalidade discursiva do orador, de modo a convencer o enunciatário por meio de argumentos e em resguardar ou deixar de colocar em evidência o que o falante não tem a intenção de mostrar, pois busca proteger sua face social.

No campo de estudos da linguagem, rituais de demonstração de gentileza na fala, do reconhecimento da existência de uma certa hierarquia social e aplicação de diferentes graus de refinamento discursivo estão associados à noção de face



(GOFFMAN, 1967). Para Goffman (1967), a preservação da face é condição da interação, logo, o engajamento é necessário para que as chances de se trair e de ter sua face “desmascarada” (perder a face) sejam minimizadas na interação.

Segundo o sociólogo, em qualquer interação, os interactantes se representam de determinadas maneiras, pois, em geral, esperam que suas características sociais sejam respeitadas, acreditadas, valorizadas adequadamente e, consequentemente, que suas ideias sejam bem recebidas. Logo, faz-se mister a regulagem da construção da imagem que uma pessoa precisa assumir quando em determinados papéis sociais.

Assim, entendemos que a construção de si compreende a ideia de uma intencionalidade (TRACY, 1990). Ou seja, a construção da autoimagem subjaz à intenção do enunciatário. Contudo, Goffman (1985) adverte que a autoimagem, além de ser regulada pela intenção, pode ser empregada de forma inconsciente.

Sob essa perspectiva, defendemos que do ponto de vista sociocognitivo, uma interação bem-sucedida, de certo modo, depende de uma autoimagem favorável, a qual, por sua vez, é regulada pela nossa capacidade emotiva de comunicação (CAFFI; JANNEY, 1994). Parecemos ser capazes de produzir, modificar e modular expressões linguísticas carregadas de emoção, de acordo com nossa vontade, de forma sutil, a fim de adequarmos exigências pessoais e interpessoais, de modo a nos ajustarmos às situações.

No contexto de nosso trabalho, por estarmos tratando do discurso político, que consiste em uma prática de natureza hegemônica, social e discursiva, cujos atores sociais buscam que identidades sejam construídas e defendidas, defendemos que determinadas construções discursivas se apoiam em mecanismos linguísticos que servem para assegurar a condução satisfatória da interação, modular intensidades e regular oscilações estilísticas inerentes ao discurso.

Esses recursos, dos quais lançamos mão para realizar a análise da fala de Temer, funcionam como meios de ajuste no tom discursivo, ação referida por Homer como Politropia, e baseiam-se em aspectos pragmáticos e retóricos que abrangem diferentes abordagens do estudo da comunicação.

Sob essa ótica, Caffi (2007: 45) entende que atenuação consiste em “uma maneira de perceber a dimensão afetiva e estilística das escolhas comunicativas em sua interação com outras dimensões”. Em outros termos, Rosa (1992: 8) descreve que a ação de atenuar o discurso significa utilizar certos “comportamentos verbais para assegurar a condução da interação em quem está envolvido”, com o intuito de se fazer crer naquilo que se diz.



● ● ●

Nesse sentido, Caffi (2007) e Caffi e Janney (1994), resenhados por Jamison (2015), defendem que a linguagem é imbuída de modulações encarregadas de atenuar ou intensificar, assim como de mecanismos linguísticos e paralinguísticos impregnados de sentimentos do enunciador, cujo sucesso comunicativo requer cautela no uso de determinados enunciados.

Nessa perspectiva, Caffi e Janney (1994) propõem uma abordagem denominada pragmática da comunicação emotiva, baseada nas noções de: a) comunicação emotiva de Marty; b) na perspectiva argumentativa da retórica de Aristóteles; c) na estilística linguística de Charles Bally e d) em algumas contribuições sobre emotividade na linguagem, propostas pelo funcionalismo da escola de Praga.

Desse modo, os estudos da comunicação emotiva na linguagem surgem para sanar uma lacuna deixada pelos estudos da pragmática, que, segundo os autores, deixam a desejar no que tange análises e interpretações mais completas devido à falta de um arcabouço teórico mais unificado e transdisciplinar que insira o sujeito que está por trás de suas qualidades e a pessoa por trás de suas máscaras (CAFFI, 2007).

Sob esse prisma, sugerem uma interface entre pessoas, linguagem e afeto para propor um modelo teórico-metodológico no qual subjazem as seguintes observações: 1) todos podemos expressar nossos sentimentos; 2) todos temos sentimentos que não queremos expressar e 3) todos podemos expressar sentimentos que não sentimos, ou que nossos interlocutores esperam que tenhamos em um determinado contexto. Em suma, Caffi e Janney (1994, p. 326) argumentam que todos parecemos ser capazes de produzir, modificar e modular expressões linguísticas e de afeto de acordo com nossa vontade, de maneiras sutis, a fim de nos ajustarmos a determinadas exigências interpessoais em diferentes ocasiões.

Assim, sob o argumento de que somos capazes de negociar e ajustar as modulações que organizam nossas expressões de afeto, modulações de atenuação ou intensificação e com base na ideia de que esses mecanismos são cognitivamente mediados, desenvolveram uma “pragmática da emoção comunicativa”, a qual foi organizada de forma sistemática, cujos mecanismos foram chamados de “dispositivos estruturantes”, “indicadores” ou “marcadores”.

Esses dispositivos, os quais também adotamos em nossas análises, são baseados nos aspectos retóricos e estilísticos (prosódicos e paralinguísticos também são usados, mas não em nossas análises) encontrados em discursos, com a função de produzirem diferentes efeitos emotivos e que estão conectados aos tipos de instâncias emotivas que os falantes desejam revelar. São eles:

- **dispositivos emotivos de avaliatividade** (distinção central: positivo/negativo): essa categoria “inclui todos os tipos de escolhas verbais e não



verbais que sugerem uma instância inferível de avaliação positiva ou negativa por parte do falante em relação a um tópico, interlocutor, ou interlocutores no discurso. Ou seja, todas as atividades discursivas que podem ser interpretadas como índices de prazer ou desprazer, concordância ou discordância, agrado ou desagradado, como: tons de voz hostil ou amigáveis; usos de diminutivos, vocativos, superlativos, adjetivos avaliativos, substituições lexicais, e todos os tipos de substituição estilística. Por exemplo: Você é péssimo/o melhor (menor/maior avaliatividade);

- **dispositivos emotivos de proximidade** (distinção central: próximo/distante): essa categoria inclui todos os tipos de escolhas verbais e não verbais que variam as distâncias metafóricas entre: falantes e o conteúdo de seu enunciado e entre os falantes e seus interlocutores. Essa categoria pode ainda ser subdividida em:
 - marcadores de proximidade espacial, que regulam distâncias metafóricas entre eventos interiores e exteriores expressados pelos falantes. Por exemplo, o uso de pronomes demonstrativos: “**Essa/aquela** mentira doeu em mim” (maior/menor proximidade espacial);
 - marcadores de proximidade temporal, que regulam distâncias metafóricas entre “eventos presentes e não-presentes” (CAFFI, 2007, p. 142). Ou seja, distâncias que dizem respeito ao tempo interno ou real. Por exemplo, “Eu **fiquei/estou** muito envergonhada com tudo que lhe disse” (menor/maior proximidade espacial);
 - marcadores de proximidade social, que regulam as distâncias pessoais e interpessoais. Vale destacar que essa subcategoria foi muito identificada em nossas análises, principalmente pelo uso dos vocativos. Por exemplo: “**Senhora/Mulher**, ele sempre me bate quando ele bebe” (menor/maior proximidade social);
 - marcadores de proximidade de ordem seletiva, definidos na literatura como “ordem de referência” ou “topicalização”, que servem para regular as distâncias de conceitos nos discursos e dizem respeito a um dado referente no enunciado. Por exemplo: **A mulher** apanhou do marido/ **O marido** bateu na mulher (menor/maior proximidade do status do agente da ação); **Maria** foi ao cinema e seu **irmão** também/ **Maria e seu irmão** foram ao cinema (menor/maior proximidade de referentes iniciais);
- **dispositivos emotivos de especificidade**: (distinção central: clareza/vagueza) essa categoria, muito fértil em nossas análises, inclui todos os



dispositivos linguísticos usados para variar a precisão, acurácia ou menção sobre tópicos, partes de tópicos, o Eu do falante, ou interlocutores do discurso. A especificidade tratada aqui se refere à maneira como um objeto é referido na comunicação: se é feito por meio do nome, ou de maneira implícita. Fenômenos de especificidade incluem particularizações ou generalizações dos tipos, por exemplo: uso de artigos definidos ou indefinidos, pronomes definidos ou indefinidos, referentes inteiros ou partes de referentes. Por exemplo: O **jantar/bife** estava ótimo (menor/maior especificidade); **Alguém/você** pode me ajudar? (menor/maior especificidade);

- **dispositivos emotivos de evidencialidade:** (distinção central: clareza/vaguidade) essa categoria inclui todas as escolhas que regulam aspectos possíveis de serem inferidos sobre atenuação, confiabilidade, autoridade, validade, ou valor de verdade do que está sendo expressado. Os usos desses dispositivos sugerem atitudes de confiança ou dúvida em relação à informação expressa que podem ser dos tipos: julgamento (**pode** estar/**está**); intenções (**talvez** volte/**irei** voltar); comprometimento com as proposições por meio da modalidade epistêmica: (**acho** que sei/ sei); advérbios modais (**possivelmente/certamente**);
- **dispositivos emotivos de volicionalidade:** (distinção central: auto-assertividade/não assertividade): essa classe inclui todas as escolhas linguísticas e estratégias discursivas empregadas pelos falantes para variar os níveis de auto-assertividade diante dos interlocutores e todas as escolhas usadas para lançar os próprios falantes ou os interlocutores em papéis discursivos ativos ou passivos. Essa auto-assertividade é inferida no discurso por meio do uso de, por exemplo, voz ativa ou voz passiva (**decidi/foi decidido**), o uso de verbo modais em pedidos (**passa** o sal/**pode** passar o sal?), escolha do uso de agentes da ação ou pronomes (**quero/você quer** ir embora?);
- **dispositivos emotivos de quantificação** (distinção central: mais/menos): essa categoria inclui todas as escolhas intensificadoras e desintensificadoras da fala (cf. LABOV, 1984), todas as escolhas de quantificação, graus, medidas, duração, ou quantidade de um dado fenômeno linguístico. Essa quantificação, conforme explica Volek (1987 apud CAFFI; JANNEY, 1994), pode ser quase de qualquer tipo: intensidade de uma atividade, duração de uma performance, quantificação de um objeto, intensidade de um advérbio (**extremamente** quente), uso de pronomes relativos como intensificadores (**Que** dia longo!), adjetivos de ênfase (**completa/total** catástrofe), Além disso, fenômenos fonológicos, como alongamento de vogais (é **eno:::rme**); realce prosódico, como aumento do tom de voz (Eu **NÃO** vou!), escolhas estilísticas de repetição (estamos **muito, muito** felizes.).



Com base, portanto, em um interface entre categorias linguísticas e psicológicas, Caffi e Janney (1994) propõem categorias linguísticas que são utilizadas para identificar diferentes dispositivos verbais ou não verbais encarregados de modular, marcar e/ou “colorir” o discurso.

Partiremos, portanto desse arcabouço teórico-metodológico para realizar as análises dos excertos do discurso de Michel Temer.

Procedimentos Metodológicos

Para Bauer e Gaskell (2010), a pesquisa social apoia-se na representação de um mundo experienciado por nós, um mundo construído por meio dos processos de comunicação.

Nesse trabalho, analisamos excertos do discurso do atual Presidente da República, Michel Temer, na ocasião da comemoração no Dia Internacional da Mulher de 2017.

Por se tratar de um discurso político, não representa uma comunicação informal, contudo, reflete um texto com enunciados relativamente espontâneos, pois o enunciador não se ampara, em nenhum momento, na leitura de um texto, mas na fala espontânea.

Nesse sentido, essa pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter exploratório-descritivo, parte da noção de linguagem como criadora e construída, como uma forma de ação e que enxerga o discurso uma prática social. Assim, baseados nos preceitos da ADC, demos um enfoque à forma como a mulher é representada no discurso do presidente e de que modo diferentes recursos linguísticos de modulação e atenuação (CAFFI; JANNEY, 1994; CAFFI, 2007) se encarregam de produzir nuances e sombreamentos cognitivo-estilísticos.

Por se tratar de um linguagem autêntica em uso, precisamos transcrever o texto a ser analisado. Adotamos a proposta de unidades de entonação (CAMERON e MASLEN, 2010), segundo a qual a passagem do tempo representa um papel fundamental na dinâmica do discurso e em sua interpretação. Desse modo, unidades de entonação foram levadas em consideração no momento transcrição. Segundo Cameron e Maslen (2010: 100) , “uma unidade de entonação consiste em um trecho da conversa produzida sob um único contorno entonacional, na maioria das vezes, coincidindo com uma única pausa respiratória”.



Após detectarmos quais os trechos do discurso que mais se destacavam, realizamos as transcrições, baseadas nas seguintes convenções de transcrição:

Quadro 1: convenções de transcrição

Convenções de Transcrição	
:	Alongamento de vogal (pequeno)
::	(médio)
:::	(grande)
..	Micro Pausas
...	Pausa mais longa, menor do que um segundo
... (2.0)	Pausa de dois segundos
[]	Sobreposições no discurso
[Superposição de vozes
-	Silabação
→	Assalto ao turno
~	Unidade truncada
,	Contorno de entonação que continua
.	Contorno de entonação finalizada
?	Contorno de entonação crescente, um apelo
<@@>	Risos
<XX>	Fragmento discursivo indecifrável
CAIXA ALTA	Aumento do tom de voz, ênfase
(())	Observações da pesquisadora

Fonte: adaptado pela autora a partir de Cameron (2011: 15) e de Du Bois et al. (1993)

As transcrições foram realizadas após assistirmos ao vídeo³ da transmissão completa do pronunciamento do presidente Michel Temer. O texto analisado neste trabalho equivale a diferentes excertos do discurso completo. Optamos em analisar algumas partes que consideramos mais significativas no que tange às representações sobre mulher e ao modo como determinados recursos da linguagem regulam a força argumentativa e ilocucionária do enunciador.

3 O vídeo analisado está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=suAIEVu8v24&t=319s>>



Frisamos que o tempo total de duração do pronunciamento de Temer foi de aproximadamente onze minutos, contudo, conforme já assinalamos, analisamos apenas parte dessa fala, que foi subdividida em seis excertos e os quais totalizam em quase quatro minutos. A seguir, esboçamos um quadro que relaciona cada excerto analisado ao momento (identificado pelo exato minuto e segundo) em que ele ocorre no vídeo do pronunciamento, assim como às linhas correspondentes nas transcrições:

Quadro 2: localização temporal de cada excerto analisado

Excerto	Localização temporal no vídeo	Posição na transcrição
Excerto 1	1'43" a 1'55"	Linhas: 1-6
Excerto 2	1'56" a 2'12"	Linhas: 7-15
Excerto 3	7'03" a 7'24"	Linhas: 16-22
Excerto 4	8'19" a 9'	Linhas: 23-36
Excerto 5	9'01" a 9'21"	Linhas: 37-44
Excerto 6	10'41" a 10'57"	Linhas: 45- 52

Fonte: elaboração própria

Após realizadas as transcrições, realizamos a codificação baseada em dispositivos da pragmática da comunicação emotiva (CAFFI; JANNEY, 1994). Cada termo ou expressão identificada um instrumento de modulação pragmático-emotiva foi marcado em negrito e sucedido pela codificação correspondente. Adotamos a seguinte codificação:

Quadro 3: dispositivos emotivos: suas categorias de distinção e de codificação

Tipo de dispositivo	Distinção central	Codificação -Mais	Codificação -Menos
emotivos de avaliatividade	positivo/negativo	[ava+]	[ava-]
<i>proximidade temporal espacial social ordem seletiva</i>	próximo/longe	[prox_temp+] [prox_espa+] [prox_soc+] [prox_ordsel+]	[prox_temp-] [prox_espa-] [prox_soc-] [prox_ordsel-]



Tipo de dispositivo	Distinção central	Codificação -Mais	Codificação -Menos
especificidade	claro/vago	[esp+]	[espe-]
evidencialidade	confiante/não confiante	[evid+]	[evid-]
volicionalidade	autoassertivo/não autoassertivo	[vol+]	[vol-]
quantificação	maior-menor	[quant+]	[quant-]
Fonte: baseado em Caffi e Janney (1994)			

Logo, ancoradas na concepção de discurso como um tecido complexo e multifacetado, dotado de funções ideológicas que viabilizam e perpetuam relações de poder e formas de discriminação entre grupos sociais, recorreremos aos parâmetros teórico-metodológicos da pragmática da comunicação emotiva (CAFFI; JANNEY, 1994) para realizar nossa análise.

Análise dos dados

Nesta seção, analisamos dois excertos do discurso proferido por Michel Temer na ocasião da comemoração no Dia Internacional da Mulher de 2017.

O discurso, com duração de um pouco mais de dez minutos, é iniciado com um agradecimento de Michel Temer aos que vieram prestigiar o evento, mas, em particular, “à bancada feminina da Câmara e do Senado”. Em seguida, ressalta a importância de tal solenidade, a qual cumpre a função de lembrar “a luta da mulher por uma posição adequada na sociedade”.

Justificamos que termo no parágrafo anterior foi destacado em negrito para indicar que, logo no primeiro minuto de um discurso que deveria ser instrumento de luta pela igualdade de gênero em um país onde uma em cada três mulheres sofreram algum tipo de violência no ano de 2016 (SANTOS, 2017), o governante caracteriza como “adequada” a posição pela qual a mulher luta. No entanto, é claro que definir o grau de adequação de qualquer situação, ou, nesse caso, posição a ser ocupada, se trata de uma ação, no mínimo, controversa e relativa, pois a posição que se adequa à vontade e à capacidade de uma mulher pode ser divergente da posição que outros pensem que ela deva ocupar.

Assim, haja menção à Constituição de 1988, na qual prevê direitos e deveres iguais entre homens e mulheres, destacamos um trecho desse mesmo discurso em cujos indícios linguísticos nos revelam exatamente o contrário: a desigualdade.



Vejamos em seguida como esse trecho do discurso é modalizado e de que forma determinados recursos linguísticos contribuem na construção de um estereótipo negativo da mulher, à medida em que envolvem os interlocutores emotivamente e fornecem um tom mais “ameno” ao discurso do presidente Temer:

Excerto 1

1. **Tenho** [prox_temp +/- evi +] **absoluta** [quant +] convicção,
2. até por formação familiar...
3. e por estar **ao lado da** [prox_esp +] Marcela,
4. do **quanto::** [quant +] **a mulher** [espe+] faz **pela casa** [prox_temp+ / esp+]
5. o que faz **pelo lar**, [espe+]
6. Do que **faz** [prox_temp +] **pelos filhos** [espe+] .

Na linha 1, o verbo na primeira pessoa do singular “tenho” funciona como um dos recursos utilizados para criar proximidade com o interlocutor e demonstrar assertividade, o qual recebe o reforço na mesma oração de um dispositivo de aumento de quantificação, “absoluta”, responsável por dar ênfase e ajudar a fortalecer o argumento, enquanto empresta credibilidade ao orador.

A estratégia de promover proximidade é identificada novamente (l.3) por meio do dispositivo de maior proximidade espacial “ao lado da”, seguido de mais um recurso de inserção de intensidade (“do quanto”) e de três dispositivos de maior evidencialidade, pois utiliza o artigo definido para tratar de “mulher”, “casa” e “lar”.

Podemos observar a utilização da mesma estratégias de proximidade temporal e espacial na linha 6, quando ele repete o verbo no tempo presente e recorre ao artigo definido (por+os filhos).

Nesse sentido, nesse trecho, há dispositivos linguísticos que servem para tentar aproximar o interlocutor e convidá-lo a se juntar ao mesmo “espaço” ocupado pelo orador, de onde ele reconhece o crucial papel da mulher junto à casa, ao lar e aos filhos. Notemos que apesar de ter enumerado três instâncias de participação feminina, essas representam o mesmo espaço: o âmbito doméstico.

A seguir, no excerto 2, observemos que nas linhas 8 e 10, são utilizados os mesmos dispositivos de maior especificidade para criar uma familiaridade com os elementos mencionados: sociedade, e filhos.

Excerto: 2

7. E, portanto::
8. se **a SOCIEDADE** [espe+] [quant+],



9. de alguma maneira vai **bem**,[ava+]
10. .e os filhos [espe+] [prox_ord+] crescem [prox_temp +],
11. é porque **tiveram..**[prox_ord -] uma **ADEQUADA::** [ava+]
12. educação e formação em **suas** [espe+] casas,
13. e isto:: **SEGURAMENTE::** [evi+] [ava+],
14. isso quem **faz** [prox_esp+] não é o homem,
15. isso quem faz.. é **a mulher** [espe+].”

Observamos que o locutor (iniciando na linha 8), para defender sua tese acerca da importância da mulher para o lar, traz o argumento de que a sociedade se beneficia da dedicação da mulher à casa e aos filhos. Importante notar que o termo “sociedade” é destacado como por um dispositivo de quantificação (de maior intensidade) de forma prosódica, evidenciado pelo aumento do tom de voz identificado, logo, inferimos que o enunciador deseja chamar atenção a esse termo, que “elevando,” assim, a dedicação da mulher à família a outro patamar.

Na linha 9, embora de natureza pouco expressiva, o advérbio “bem” é usado para classificar positivamente a ação metafórica de “ir” de uma sociedade. Assim, “ir bem” refere-se a uma ação que está em andamento e segue estável. Logo, na linha seguinte, o enunciatório conclui a oração reutilizando um recurso de mais proximidade temporal, com o uso do verbo crescer no tempo presente para atribuí-lo à formação adequada (l. 11) que receberam em “suas casas”.

Ressaltamos que a ordem na qual esses agentes da ação foram organizados também revelam uma determinada forma de construir sentido: primeiro, a “sociedade” (l. 9), depois, os “filhos” (l. 10), em seguida, “casas” (l.12), que corresponde ao um elemento metonímico do termo “família”, e ao final, “mulher” (l.15). Desse modo, percebemos que o orador, além de anunciar esses elementos via artigo definido para promover uma maior aproximação espacial por meio de mais especificidade, inverte a ordem de topicalização (do macro para o micro), assim como faz uso da voz passiva (filhos tiveram formação pelas mulheres) para diminuir a proximidade da ordem seletiva e, com isso, atenuar a força ilocutória do enunciado.

Interessante notar que na linha 11, mais uma vez, o termo “adequada” é utilizado pelo orador para designar ações referentes à mulher. Enquanto que no início de seu discurso usou o adjetivo para classificar a posição que a mulher deveria ocupar na sociedade, na linha 11, reutiliza o termo para se referir à formação que os filhos recebem dela para que a sociedade “vá bem”. É possível perceber também que “adequada” recebe um modulação do dispositivo de maior quantificação, pois foi identificado um aumento no tom de voz do locutor nesse ponto.

Como recurso retórico, utiliza o dispositivo de mais evidencialidade na linha 13 (“seguramente”) para demonstrar mais assertividade e confiança antes de



chegar ao momento de revelar o sujeito da nobre ação de contribuir para que a sociedade “vá bem”: a mulher.

Em seguida, durante mais de cinco minutos, Temer relata algumas conquistas importantes das mulheres, como, por exemplo, o direito ao voto, e o acesso a uma delegacia especializada ao atendimento à mulher, que ele criou enquanto secretário da Segurança Pública em São Paulo.

No excerto 3, o orador salienta outra área onde a mulher também exerce “grande participação”: na economia (l. 16). Observemos a seguir que o termo “economia” também é deslocado para o início da oração como um recurso de maior proximidade de ordem seletiva, visto que esse termo, em princípio, ao ser posicionado no início da oração, promove um efeito retórico mais positivo.

Na mesma linha (l.16), observamos o uso de um dispositivo de maior quantificação (“grande”) que serve para intensificar a força ilocucionária desse enunciado e dar reforço à engrenagem argumentativa:

Excerto 3

16. Na **economia** [prox_ord+], também, a mulher tem uma **grande** [quant+] participação.
17. **Ninguém** mais [espe-] é [prox_tem+] capaz de indicar os **desajustes** [espe-]
18. por exemplo:
19. de preços ..em **supermercados** [espe+] ..do que a mulher.
20. **NINGUÉM** [quant+] é capaz melhor de..
21. melhor **DETECTAR** [quant+] as eventuais **flutuações econômicas** [espe-] do que a mulher,
22. . pelo orçamento doméstico maior ou::menor.

Em seguida (l. 17 e 19), por meio de um dispositivo de menor especificidade, atribui à mulher, somente a ela, visto que “ninguém mais é capaz” de “indicar desajustes nos preços”, grande participação na economia doméstica.

Na oração das linhas 17 e 19, percebemos que o orador busca, por meio de uma construção implícita, realizar um elogio à capacidade feminina de perceber desajustes em preços e com isso promover uma autoimagem positiva. Enquanto o orador recorre a um dispositivo de menor especificidade “indicar desajustes”, que é de caráter metafórico e relativo (pois preços altos não correspondem a preços desajustados necessariamente), ele, em seguida, indica de forma específica (“supermercados”) onde essa ação de indicação de desajustes pode ser realizada. Inferimos com isso que o uso do



dispositivo de menor especificidade (“desajustes”), portanto, produz um efeito de atenuação que visa evitar criar situações de ameaça à face do orador.

Tal estratégia pode ser confirmada quando, na linha 20, o enunciador repete o elogio à capacidade irrestrita da mulher de “detectar flutuações econômicas”. Notamos há um destaque, uma ênfase, na palavra “detectar”, o que releva a utilização de um recurso de maior quantificação e realce à ação descrita, o que sugere uma tentativa de dar destaque a uma ação que parece ter um cunho técnico, quando não é.

Além disso, outra vez, na linha 20, o uso de um recurso de menor especificidade, pois se trata de uma metáfora, para atenuar seu impacto ilocucionário, visto que ele poderia ter afirmado que a mulher é capaz de “observar se os produtos ficam mais caros ou mais baratos.

Além dessas estratégias, verificamos que a estrutura sintática nas duas orações distanciam o termo “mulher” da posição de agente, o que funciona também como uma estratégia para atenuar o ato ilocucionário. O sujeito das orações é “ninguém”, e não “mulher” (l.17 e 20).

No excerto seguinte (23-36), o locutor toma como ponto de partida a suposta participação da mulher na área da economia doméstica para inserir a temática da frágil, embora em suposta fase de superação, economia brasileira.

Em seguida, das linha 23 à 36, observamos que são acionados dispositivos de menor especificidade quando se fala da recuperação da economia. Ao personificar “recessão” (l. 23), “crescimento” (l. 24) e “emprego” (l. 26), o enunciador se vale do recurso da metáfora para tornar mais vaga, conseqüentemente, mais palatável e, porque não dizer, mais crível sua asserção sobre a recuperação econômica. Consideramos esses recursos formas de atenuação e proteção de face.

Excerto 4

23. E que a recessão está indo **embora** [espe-]
24. **VOLTA** [quant+] o **crescimento** [espe-]
25. e **eu digo** [vol+] isso que..com o crescimento::
26. **VOLTA** [quant+] o **emprego** .[espe-]
27. E **HOJE**: [quant+][prox_tem+]..graças a Deus,
28. as mulheres..
29. sem embargo das dificuldades
30. têm uma **possibilidade** [evid-] de empregabilidade.. que **NÃO TINHAM**.. [quant+] [prox_temp-]..no passado.



31. Com a **queda** da **inflação**: [espe-] que nós estamos assistindo
32. dos **ju::ros** [espe-], o superavit record da nossa balança comercial ((fala sobre outras questões referentes à economia para justificar porque as mulheres têm mais facilidades de conseguir empregos))
33. tudo isso **significa** [evi+] **EMPREGOS** e **significa** [evi+] também..
34. que a mulher..**além** [quant+] de cuidar dos **afazeres** [evid +] domésticos,
35. **vai ter** [prox_temp-] [evid-]um campo cada vez mais **lar:: go** [quant+] para..
36. o emprego.

Nas linhas 27, o enunciador assume um tom mais assertivo ao declarar, pelo uso de um dispositivo de maior proximidade temporal “hoje” e por meio de maior quantificação, identificada pelo aumento de seu tom de voz, que a situação das mulheres são mais vantajosas do que no passado. Notamos, contudo, que pelo uso do dispositivo de menor evidencialidade, “possibilidade” (l. 30), essa declaração fica comprometida, pois marca uma fragilidade no enunciado. Além disso, na mesma linha (l. 30), utiliza um marcador de menor proximidade temporal, o verbo *ter* no pretérito imperfeito para criar um distanciamento em relação ao enunciado e, portanto, atenuar seu dizer. Entendemos que se trata de uma forma de fortalecer sua autoimagem.

Mais uma vez, notamos (l. 31 e 32) que os termos relacionados à economia: “inflação” e “juros” são manifestados sob a tutela da metáfora, o que marca uma imprecisão semântica e indicia uma proteção da imagem que locutor quer resguardar.

Na linha 33, o locutor, por meio de um dispositivo de maior evidencialidade (“significa”), o qual regula o grau de autoridade e validade daquilo que está sendo enunciado, assume uma posição de confiança diante da afirmação. Observamos que o termo “emprego” é carregado de modulação enfática, por meio do aumento do tom de voz ao pronunciar essa palavra, o que representa um dispositivo de maior quantificação. Inferimos que esse recurso funciona como um dispositivo para intensificar a força ilocucionária pretendida.

Na linha 34, percebemos que o enunciador se utiliza de um recurso de maior quantificação “além” para apontar *outra* possibilidade ocupacional para as mulheres, o trabalho. Nesse trecho podemos identificar claramente que a ação doméstica tem caráter apriorístico.

Destacamos que tom de confiança e convicção demonstrado nesse excerto, identificado por traços prosódicos que indicam assertividade e por termos carregados de sentido intensificador. Contudo, ao usar uma locução verbal indicando o futuro do presente “vai ter” (l. 35), o que representa um dispositivo de menor proximidade temporal, o orador invoca um distanciamento temporal, sugerindo ser um artifício retórico para atenuar sua afirmação.



Nas linhas 35 e 36, ao estabelecer que as mulheres “têm campo cada vez mais largo para o emprego”, indicamos haver um enunciado formado por um dispositivo de menor evidencialidade, que é a metáfora: “ter campo largo”. Entendemos, por acarretamento, “campo” é entendido como “possibilidades” e “largo”, que no sentido literal se refere à espaço físico, aqui remete ao aumento de possibilidades. Inferimos que recorrer ao uso da metáfora representa, possivelmente, uma tentativa de proteger ou corrigir sua face.

No excerto 5, mais uma vez, o enunciador declara com tom de assertividade, demonstrado pelo uso de um dispositivo de maior proximidade de ordem seletiva (a ordem dos termos da oração é direta), que ambos os sexos são “igualmente empregados” (l. 38). O tom assertivo pode ser verificado também pelo uso de um mecanismo de maior evidencialidade “igualmente” e pelo tempo verbal no presente, que sinaliza ao interlocutor a certeza do informante. Vejamos a seguir:

Excerto 5

37. Porque **HOJE** [quant+]..
38. homens e mulheres **são** [prox_ordsel+] **igualmente** [evid+] empregados
39. com algumas.. **restrições** [quant-].[evid-] ainda..
40. **mas** [evi-] a gente vê:: nas reportagens das mais variadas
41. como a mulher **hoje** [evi+] ocupa um espaço **EXECUTIVO** [quant+] de **grande relevância** [quant+].
42. O número de mulheres que comandam empresas
43. que comandam diretorias .. **não é?...** [evid-]
44. .é **IMENSO**.

((Logo após, o presidente cita que, quando foi presidente da Câmara dos Deputados, criou a Procuradoria Parlamentar da Mulher e estabeleceu que uma deputada teria assento da reunião de líderes para ter “voz e voto”))

Contudo, percebemos na linha 39 que essa afirmação sofre uma retificação, ao observarmos o uso de um mecanismo de menor quantidade “restrições”. Ou seja, se algo sofre restrições, há uma diminuição de possibilidades. Podemos apontar também que esse termo indica uma forma de atenuação, pois, diminui a força desse ato ilocucionário.

No mesmo jogo de reparação de sua autoimagem, o locutor faz uso de uma conjunção adversativa “mas” (l. 40), que representa um dispositivo de menor evidencialidade e um operador argumentativo considerado como um marcador de atenuação (ROSA, 1992), para contrapor ao argumento anterior (homens e mulheres são igualmente empregados, embora haja restrições).



Ainda na mesma linha (40), ao indicar que “a gente vê em reportagens” o exercício da mulher no espaço executivo, o locutor diminui seu comprometimento com o enunciado, o que funciona como uma forma de atenuar a força ilocucionária de sua asserção.

Na linha 41, persegue o tom assertivo e usa mais um marcador de proximidade temporal “hoje”, para assegurar o espaço da mulher no âmbito executivo. Ora, por “executivo”, o locutor quis se referir àquele que realiza, que executa, e não a quem tem a incumbência de executar leis ou normas, visto que, na linha seguinte, situa o contexto executivo ao qual se refere, o empresarial. (l. 42).

Para efeito de contextualização, vale lembrar que o governo Temer excluiu a participação de mulheres nos Ministérios, além de extinguir o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. Desse modo, fica mais fácil de entendermos porque o seu discurso é marcado pela ênfase dada, à participação das mulheres no âmbito doméstico e no ramo empresarial, visto que em seu governo exibe uma falta de representatividade das mulheres na composição dos Ministérios, fato inédito desde a ditadura militar no governo Geisel.

Nesse contexto, ao reconhecer o papel das mulheres no comando de empresas e diretorias, o locutor marca seu enunciado por um marcador de elicitación de apoio na linha 43 (“não é?”) (JAMISON, 2015), o que representa menor evidencialidade e sugere uma busca de confirmação e uma falta de confiança.

Entendemos que o uso de tal estratégia para anunciar uma conclusão contrária, ao anunciar um argumento possível (“o número de mulheres que comandam empresas”), é utilizada pelo locutor com vistas a harmonizar o discurso e reparar sua face.

Ao final de seu pronunciamento, o locutor recorre ao contexto comunicacional para estruturar a forma mais adequada de concluir sua fala e também para preservar sua face. Assim, por se tratar de um pronunciamento em comemoração do Dia Internacional da Mulher, busca enaltecer a figura da mulher, ao caracterizá-la como a “força motriz mais relevante”. Contudo, conforme podemos observar a seguir, muito embora seu enunciado pareça ter um tom elogioso em relação às mulheres, ele se mostra vazio de significado. Se não, nos questionemos: o que significa dizer que “a força motriz mais relevante da cidadania brasileira está nas mulheres”? Se considerarmos que *força motriz* significa um agente responsável por transmitir movimento, como podemos relacionar essa potência às mulheres sem menor representatividade no governo atual? A menos que ele esteja se referindo à função reprodutiva.



Na linha 45, o enunciador faz uso de um marcador de força ilocucionária “mais uma vez”, que também funciona como um recurso de força ilocucionária, visto que nos remete à repetição, reafirmação. Em seguida, ele usa um dispositivo de menor evidencialidade “digamos assim” (l. 46), cuja função nesse caso é a de atenuar a força do enunciado que o sucede e proteger sua face.

Excerto 6

45. **Mais uma vez** [quant+],
46. **digamos assim..** [evid-]
47. o Brasil **CONTA** ..[quant+] [evid-] com as mulheres,
48. conta com todos os brasileiros,
49. **mas** tem a mais **absoluta convicção** [quant+]
50. de que a força motriz mais **REVELANTE** [quant+]
51. do exercício da cidadania brasileira...
52. está nas mulheres.

Em seguida, personifica o Brasil, sugerindo que o país “conta” (l. 47) com as mulheres e com todos os brasileiros.. Aqui, a implicitude, indicada pelo uso da metáfora, marca um procedimento de atenuação e de necessidade de preservação de face do enunciador. Tal tentativa de atenuação é confirmada quando na linha seguinte usa a conjunção adversativa *mas* para marcar uma ação argumentativa subsequente: quando afirma que o (o Brasil) “tem a mais absoluta convicção (...)” do papel relevante das mulheres.

Nas linhas 47, 49 e 50, é possível perceber o uso de diferentes marcadores que ampliam a quantificação e, conseqüentemente, operam como fortalecedores ilocucionários. Em 47, “conta” foi dito com ênfase e aumento considerável de tom de voz; “absoluta convicção” (l. 49) funciona como uma forma estabelecer assertividade e eliciar confiança no interlocutor; “relevante” também é proferido com um aumento do tom de voz, o que denota uma tentativa de dar força ao argumento, de convencer o interlocutor e de demonstrar confiança e assertividade.

Em suma, percebemos que o pronunciamento proferido por Michel Temer na ocasião do Dia Internacional da Mulher em 2017, embora busque destacar a importância da mulher para diversos setores da sociedade brasileira, é permeado de modulações pragmático-discursivas cujas funções consistem em imprimir força a argumentos e, ao mesmo tempo, minimizar o impacto de certos enunciados por meio de mecanismos de atenuação. Chamamos a atenção para o fato de que tanto os recursos atenuadores quanto os fortalecedores ilocucionários terem exibido relação direta com os movimentos de preservação da autoimagem pública do enunciador.

Como forma de sintetizarmos as modulações discursivas detectadas nos trechos do pronunciamento analisado, esboçamos um quadro que mostra uma síntese tanto da função dos elementos pragmático-comunicativos (CAFFI; JANNEY, 1994) identificados nos excertos, quanto da forma como a mulher é representada nos respectivos trechos:

Quadro 4- Síntese das funções dos dispositivos pragmático-comunicativos e das formas de representação da mulher

Trecho	Principal função dos dispositivos usados nesse trecho	Como a mulher é representada
Excerto 1	força ilocucionária (l. 6)	Mulher faz pela casa, lar e filhos.
Excerto 2	atenuação do dizer por meio de dispositivos de maior quantificação (l.8, 9 e 13)	Sociedade indo bem depende da educação adequada que tiveram em casa, dada pela mãe , não pelo pai.
Excerto 3	força ilocucionária (l. 16 e 17); atenuação (17 e 20).	Mulher participa na economia pois é responsável por observar variações em preços no supermercado.
Excerto 4	atenuação (l. 22-24; 27-28;); força ilocucionária (l. 25)	Hoje, além dos afazeres domésticos, a mulher tem mais possibilidade de empregabilidade.
Excerto 5	força ilocucionária (l. 32); atenuação (l. 33)	Homens e mulheres têm direitos iguais, mas com restrições ; mulheres destacam-se no espaço executivo empresarial.
Excerto 6	Força ilocucionária (l. 47, 49 e 50) atenuação (46, 49)	a força motriz mais relevante da cidadania brasileira está nas mulheres

Fonte: Elaboração própria.

Conforme podemos identificar no quadro anterior, em todos os trechos é possível encontrar elementos que representam tentativa de imprimir atenuação e força argumentativa. Esses elementos criam modulações que perpassam todo o discurso, como uma sequência de movimentos em busca da preservação de face do locutor, pois, entendemos que ele não deseja que a sua forma de representar as mulheres fique tão explícita. Contudo, embora haja um incansável emprego de recursos linguísticos e prosódicos para auxiliarem nessa modulação discursiva, podemos

facilmente detectar em seu discurso que sua visão sobre o papel da mulher vai na contramão do discurso escrito que o presidente traz como apoio.

Nesse sentido, de acordo com o quadro 3, nos trechos analisados, o locutor traz de forma explícita o que de fato pensa sobre o papel da mulher. Ela é representada como a principal e única responsável pela criação dos filhos. E embora haja uma fracassada tentativa de construir um argumento que elevasse sua condição de dona de casa, ao atribuir à ela o papel de administradora do lar, essa é a representação mais explícita e a que é mantida em todos os trechos analisados.

Ao declarar que homens e mulheres têm direitos iguais, o presidente demonstra desconhecer dados de uma pesquisa recente realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)⁴, de que as mulheres trabalham 7h horas a mais do que os homens por semana por semana devido à dupla jornada. Ademais, parece também ignorar dados de uma pesquisa do Banco Interamericano de Desenvolvimento⁵, veiculada pelo Observatório da Igualdade de Gênero, que mostram as disparidades salariais de gênero, indicando que a diferença salarial entre homens e mulheres é, em média, de 30 por cento.

Além disso, como mais uma tentativa desesperada de mostrar que se preocupa com a pauta feminina, ressalta que mulheres têm representatividade no comando de empresas e diretorias, deixando passar ao largo a informação de que em seu governo não há nenhuma mulher na posição de ministra.

Considerações Finais

Procuramos mostrar, neste estudo, como determinados recursos linguísticos são utilizados pelo presidente Temer para regular a força ilocucionária de seu discurso de modo a amenizar possíveis repercussões negativas perante seu enunciado e seu interlocutor. Além disso, buscamos identificar a forma como determinados recursos linguísticos atuam na representação da mulher e na construção de estereótipos femininos.

4 Notícia veiculada pelo Jornal do Brasil. Disponível em <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2017/03/06/mulheres-trabalham-75-horas-a-mais-que-homens-devido-a-dupla-jornada/>> Acesso em 19 de abril de 2017.

5 Pesquisa veiculada no site do Observatório da Igualdade de Gênero. Disponível em <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/>> Acesso em 12 de abril de 2017.



Utilizamos a perspectiva de uma pragmática integrada para enfatizar tanto os aspectos sociais como os intersubjetivos do discurso. Nosso trabalho, além de buscar identificar a forma como a mulher é representada no discurso do presidente brasileiro, observa nos enunciados os movimentos enunciatórios de modulação que se encarreram de produzir nuances e sombreamentos cognitivo-estilísticos, atenuar, dar força ilocucionária e arquitetar estratégias de proteção da imagem social do enunciador.

Sob essa perspectiva, o exame dos excertos mostrou que movimentos confirmativos e reparadores foram acionados, principalmente por meio de dispositivos de maior evidencialidade e de maior quantificação. Marcas de demonstração de assertividade, clareza e confiança estiveram presentes nas análises. O uso de metáforas como dispositivos de menor evidencialidade denotam que a implicitude marca um procedimento de atenuação e de necessidade de preservação de face do enunciador ou dos interactantes. Tais mecanismos moduladores, sejam com a finalidade de enfatizar ou atenuar, podem ser considerados ferramentas preventivas na tentativa de reduzir efeitos indesejados que seus ouvintes possam ter sobre ele.

Assim, entendemos que o pronunciamento do presidente Temer analisado, embora seja modulado por um uso culto do Português falado e por recursos de atenuação e assertividade, pode ser considerado como um vetor de manutenção e propagação do machismo e do preconceito contra a mulher, uma vez que atribui às mulheres a responsabilidade de construir famílias saudáveis, enquanto que a figura do homem é isenta de participação nas atividades domésticas.

Logo, entendemos que dentre as dificuldades encontradas para os necessários avanços do empoderamento feminino, estão não apenas as ações de associação da mulher a atividades “do lar”, mas também o apagamento do papel feminino no cenário político. Ademais, ideologias machistas reproduzidas por discursos de dirigentes políticos, como esse, deixam claro que a questão de gênero não afeta o governo, tampouco a luta contra a dominação simbólica e material da mulher.

Referências

AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto e imagem: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi.- 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.



BLAY, E. W. “8 de março: conquistas e controvérsias” In: **Revista Estudos Feministas**. v. 9, n. 2 , 2001. Disponível em <<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200016/8870>>. Acesso em 20 de abril de 2017.

CAFFI, C. **Mitigation**. Studies in Pragmatics 4, Amsterdam: Elsevier, 2007.

CAFFI, C.; JANNEY, Richard W. (Eds.) “Involvement in language” In: **Special issue of Journal of Pragmatics**, 22, p. 325-373, 1994.

CAMERON, Lynne, MASLEN, Robert; LOW, S. “A selective Survey of Research in Published Studies using Metaphor analysis” In: CAMERON, L. & MASLEN, R. (Ed) **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities**. UK: Equinox Publishing Ltd, 2010.

Chouliaraki, L.; Fairclough, N. **Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DU BOIS, J. W., SCHUETZE-COBURN, S., CUMMING, S. PAOLINO, D. “Outline of discourse transcription” In: EDWARDS, J. A.; LAMPERT, M. D. (Eds). **Talking data: transcription and coding in discourse research**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1993. 45-89

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: essays on face to face behaviours**. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

_____. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GILBERT, P. R. “Discourses of Female Violence and Societal Gender Stereotypes” In: **Violence against women**. Vol. 8, N. 11. 2002.

JAMISON, K. G. **Movimentos de empatia no discurso da violência conjugal: uma análise linguístico-cognitiva no enquadre comunicativo dos boletins de ocorrência**. 2015. 289 p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.

PERELMAN, C. **Retóricas**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Marco MJ. **Linguistic Choices for the Representation of Women in Discourse**. Universitat Jaurne 1 de Castelló , 1997. (40-53).



RECANTI, F. Content, Mood, and Force. In: **Philosophy Compass**. Wiley, 2013, 8, pp.622- 632. Disponível em <https://hal.inria.fr/file/index/docid/782906/file-name/Force_and_content9.pdf> Acesso em 10 de abril de 2017.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise do Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSA, M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo, Contexto, 1992.

SANTOS, B.F. “Os números da violência contra mulheres no Brasil” In: **Exame.com**. 8 de março 2017. Disponível em < <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>> Acesso em 12 de abril de 2017.

TRACY, K.; COUPLAND, N. (Eds.). **Multiple goals in discourse**, Clevedon: (Multilingual Matters), 1990. p. 1-13.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and context: A sociocognitive approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

_____. “Critical discourse analysis” In: SCHIFFR, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E.(Eds.) In: **The handbook of discourse analysis**. Second edition. Malden, Oxford: Blackwell Publishers, 2015. p. 352-371.

